

Macunaíma, dir. Joaquim Pedro de Andrade (1969)

Adapting Mário de Andrade's 1928 modernist novel, *Macunaíma: The Hero without a Character*, to the screen could only be an act of temerity. The novel orchestrates indigenous legends, myths and popular culture into an allegorical discussion of the nature of Brazilian civilization. It is filled with magical transformations. The hero is born black and indigenous, and he later turns white, thus representing all by himself the three races that are said make up the Brazilian people. He dies several times, but is magically resuscitated. He transforms his brother into a key to open a door or into a telephone to order lobster. In its attempt to create a synthesis of the country, the novel dissolves spatial limitations by placing Macunaíma, on his various journeys, in one part of the country at one moment and in another at the next; and it suspends temporal limitations by allowing the hero to roam through Brazil's history.

Despite the challenges involved, the cinematic version of the novel, directed in 1969 by Joaquim Pedro de Andrade, has become a classic of Brazilian cinema. Maintaining some of the magic of the novel, the trickster Macunaíma is born full-grown and immediately proclaimed a hero. He is played by Brazil's great black comic actor Grande Otelo, who was 54-years-old at the time of shooting. His mother is somewhat masculine, perhaps not surprisingly since she is played by Paulo José, who later plays Macunaíma when the hero magically turns white. After their mother's death, the hero and his brothers leave the jungle for the city. There Macunaíma encounters Ci, an urban guerrilla fighter who likes to fool around. After she gives birth to their "baby," Ci explodes with her home-made bomb. The *muiracitã*, Ci's good-luck talisman, disappears with her. Macunaíma sets out on a quest to recover the talisman, which is in the hands of the villain, Venceslau Pietro-Pietra, a wealthy industrialist who is also known as the cannibal giant *Piaimã*. After several unsuccessful attempts, Macunaíma finally defeats the villain and recovers the stone. Victorious, as only a hero can be, he returns to his homeland carrying the trappings of modern civilization, but because of his laziness, he ends up alone, or almost alone, until he sees a mermaid swimming seductively in a nearby lagoon.

The anti-hero's misadventures make for an irreverent comedy that pokes fun at certain myths of Brazilian identity while offering a critical perspective on the military regime then in power, a regime whose censors imposed a number of cuts before the film's commercial release. *Macunaíma* won numerous awards in the 1969 Brasília Film Festival and the award for Best Film at the 1970 Mar del Plata Film Festival.

Randal Johnson

***Macunaíma*, dir. Joaquim Pedro de Andrade (1969)**

Adaptar o romance modernista de Mário de Andrade *Macunaíma* (1928) ao cinema só podia ser um ato de temeridade. O romance, que articula lendas indígenas, mitos, e cultural popular numa alegoria da natureza da civilização brasileira, está repleto de transformações mágicas. Macunaíma nasce preto e indígena, e depois vira branco, assim representando, por si só, as três raças que supostamente compõem o povo brasileiro. Morre várias vezes, mas é resuscitado magicamente. Transforma o seu irmão numa chave para abrir uma porta ou num telefone para pedir lagosta. Na sua tentativa de criar uma síntese do país, o romance dissolve limitações espaciais ao colocar Macunaíma, nas suas várias viagens, numa parte do país num momento, e em outra parte logo depois; e suspend limitações temporais ao permitir que o herói passeie pela história do Brasil.

Apesar dos desafios, a versão cinematográfica do romance, dirigida em 1969 por Joaquim Pedro de Andrade, tornou-se um clássico do cinema brasileiro. Mantendo um pouco da magia do romance, o *trickster* Macunaíma nasce quase adulto e é logo proclamado o “herói da nossa gente”. No papel de Macunaíma é o grande autor cômico Grande Otelo, que tinha 54 anos na época da filmagem. A sua mãe é um tanto masculina, o que não é surpreendente já que é representada por Paulo José, que mais tarde fará o papel de Macunaíma quando se transforma em príncipe e, mais tarde, se torna branco de vez. Depois da morte de sua mãe, o herói e seus irmãos deixam a floresta em direção à cidade. Lá Macunaíma encontra a Ci, uma guerrilheira urbana que gosta de brincar. Depois de dar à luz o seu “bebê”, a Ci explode com sua bomba caseira. Junto com ela desaparece o muriaquitã, o talismã da sorte. Macunaíma logo embarca numa busca para recuperar a pedra, que está nas mãos do vilão, Venceslau Pietro-Pietra, um industrial rico que também é conhecido como o gigante canibal Piaimã. Depois de várias tentativas falhas, Macunaíma finalmente derrota o vilão e recupera o muiiraquitã. Vitorioso como só um herói pode ser, Macunaíma volta a sua querência, levando consigo o melhor da civilização, mas por causa de sua preguiça, ele acaba sozinho, ou quase sozinho, até um dia quando encontra uma sereia – a Uiara – nadando sedutivamente numa lagoa cercana...

As desventuras do anti-herói constituem uma comédia irreverente que fazem gozação de certos mitos da identidade brasileira e oferecem uma perspectiva crítica do regime military que estava no poder na época, um regime cujos censores impuseram uma série de cortes antes de liberar o filme para distribuição comercial. *Macunaíma*, ganhou vários prêmios no Festival de Cinema de Brasília em 1969 e o prêmio de Melhor Filme no Festival de Cinema de Mar del Plata em 1970, é um dos filmes brasileiros mais populares do movimento conhecido como o Cinema Novo.

Randal Johnson